

Os Museus Comunitários e sua efetiva implantação

MARIANA BOUJADI MARIANO DA SILVA¹; MARIA LETICIA MAZZUCCHI
FERREIRA²

¹UFPEl 1 – *mariana.boujadi@gmail.com1*

²UFPEl 2– *leticiamazzucchi@gmail.com 2*

1.INTRODUÇÃO

Investigar a influência concreta que a 'nova museologia' e seus conceitos exercita na sociedade, através da análise das relações dos museus comunitários brasileiros, em específico do Rio Grande do Sul, com a comunidade na qual está inserido, é o que se propõe aqui para o conhecimento da real presença dessa construção acadêmica e suas consequências.

Há de observar-se criticamente, quando implementados os museus comunitários, a efetiva ocorrência de uma mudança na construção museal, ou seja, se a comunidade exerce o almejado protagonismo na instituição, desde a elaboração da missão do museu até a seleção de acervos, demonstrando assim, ser um museu conjugado com o coletivo, não apenas o representando de forma parcial e apartada.

Isso significa entender, então, como, no contexto do século XXI, os museus comunitários têm executado seu pretendido papel de mobilizador social, se construindo, de fato, um entendimento da realidade desse coletivo no passado e presente, enquanto instigando uma reflexão sobre si. Compreender, enfim, se traz mudanças (e quais são elas) à comunidade.

Ao se falar em museus comunitários sempre há a necessidade de se compreender o histórico desse conceito na segunda metade do século XX, com o advento da Nova Museologia e de uma transformação do ternário proposto por Zbynek Zbyslav Stransky, “Homem, objeto e museu”, onde há a representação do homem através de um objeto situado num cenário, o museu. Para outro ternário surgido a partir de novas demandas sendo constituído por “Sociedade, patrimônio e território” dando um sentido mais amplo e buscando estreitar relações com o público.(Cury, 2008, p. 272)

O presente trabalho, como comentado anteriormente, priorizará os museus comunitários, e buscará compreender como ocorre de fato sua implementação, transportando-os de ideais acadêmicos para o contexto do real, com suas dificuldades e possibilidades.

Para compreender melhor essa proposta de um museu intimamente relacionado a comunidade, parece fundamental trabalhar-se o próprio conceito de comunidade.

Etimologicamente a palavra comunidade tem origem no termo latim *communitas*. E refere-se à qualidade daquilo que é comum, aquilo que formaria um conjunto. O dicionário Aurélio define comunidade como um conceito da sociologia que significa o agrupamento social que se caracteriza por acentuada coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que o constituem.

Pode-se aferir, então, que uma comunidade é um agrupamento que possui características comuns e que se reconhecem espontaneamente pertencentes ao grupo.

Para a continuidade da discussão, deve-se estudar e compreender o próprio museu comunitário em si e seus conceitos. A Nova Museologia não estabelece regras sobre as novas formas do fazer museológico, mas há, quando o assunto é museu comunitário, uma série de características que são contempladas por diferentes pesquisadores do assunto.

Há uma comunhão de ideias que pressupõe que desta vertente da “Nova Museologia”, haveria um estreitamento entre o museu e a comunidade, ele passa a ser um partícipe vivo, onde os projetos e ações museológicas buscam valorizar o patrimônio cultural e a memória social coletiva. E esse museu seria uma ferramenta, ou até mesmo um canal, para proporcionar um desenvolvimento local.

2. METODOLOGIA

Através de consultas bibliográficas de livros, monografias, dissertações e periódicos buscou-se dados que possibilitassem um embasamento para a elaboração do projeto, pretendendo-se seguir um esquema de comparabilidade entre experiências museológicas aproximadas da nova museologia, sobretudo dos museus comunitários, na América Latina, do Brasil e do Rio Grande do Sul.

Também se buscou a realização de entrevistas com membros-chaves das instituições pesquisadas, a participação de seminários sobre o tema e em oficinas e trabalhos de campo.

Enfim, é fundamental ressaltar que esse trabalho desenvolve-se pautado principalmente a uma análise de discursos no registro das operações conceituais, pois, desde seus objetivos iniciais, ele se constitui de uma observação crítica aos museus comunitários e sua real efetivação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A teoria do museu comunitário carrega consigo uma enorme beleza poética, quase como um ideal museológico que deve ser alcançado. Deve-se lembrar, porém que, muitas vezes, é apenas um exercício acadêmico.

Para compreender melhor o que foi por eles exposto e se está de acordo com as dificuldades da real e efetiva implantação dos museus comunitários, houve um extenso estudo de casos.

Sabe-se que a sustentabilidade institucional não é algo simples de ser alcançado, e muitas vezes os museus acabam precisando recorrer à captação de

recursos externos, e contando para isso, com o auxílio de facilitadores, externos a comunidade, e é através desses mediadores que diversas instituições as quais assim se denominam pretendem sua operabilidade.

Buscou-se estudar os museus comunitários da América Latina e traçar-se um comparativo com os museus comunitários brasileiros. Para isto foram estudados os museus de Oaxaca no México e o museu Chochis na Bolívia, e em contraponto, o Museu Magüta no estado do Amazonas, o Museu Comunitário Treze de Maio, o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, e os museus da região rural de Pelotas, o Museu da Colônia Francesa e o Museu Gruppelli.

Analisou-se em paralelo com outros museus comunitários latino-americanos e há diversas diferenças fundamentais. Muitas vezes, em museus comunitários estrangeiros, busca-se a sustentabilidade institucional através de elementos próprios da cultura de cada comunidade, trazendo, além da comunicação e preservação de suas origens, a possibilidade de desenvolvimento financeiro do museu e da comunidade, não havendo necessariamente o envolvimento direto de verbas governamentais.

Costumam, além disso, desenvolver-se através de um desejo interno da comunidade, que é a autora dos temas da instituição, a qual é dirigida por membros da própria comunidade, eleitos por ela, como seus diretos representantes. No Brasil, nos casos estudados, os museus dependem de, uma forma ou de outra, de editais governamentais, como no programa "Pontos de Memória", e, a priori ou a posteriori, acabam dependendo do auxílio de universidades para se manter. Em alguns casos, não são dirigidos por membros da comunidade, mas por alguém externo a ela que tenha uma maior possibilidade de arrecadar fundos para a instituição inscrevendo-a em editais de incentivos culturais. A verba disponibilizada é depositada em parcela única, ou seja, o Governo não se responsabiliza por uma parceria permanente com o museu, mas disponibiliza recursos propulsores, o que pode acarretar problemas futuros, como a descontinuidade de projetos realizados pelas instituições.

5. CONCLUSÕES

O seu principal acréscimo relaciona-se a análise da efetivação dos museus comunitários no Rio Grande do Sul e do Brasil, de uma forma geral, e seu distanciamento da desenvolvida em outras partes da América Latina.

A proposição apresentada por Brulon Soares e Scheiner (2009) onde afirmam que os museus comunitários e ecomuseus passam por pelo menos uma das situações: Se institucionalizam, se compartimentam fazendo um discurso destoante da ação ou se autoconsomem em um movimento de fagocitação, é extremamente pertinente para os casos estudados, onde pelo menos uma das alternativas levantadas, de fato ocorre, há constantes discursos destoantes de ações, há uma aproximação com museus tradicionais através de institucionalizações, sejam elas propositais, pela necessidade de captação de recursos ou impostas por uma liderança unilateral que cerceia a participação efetiva da comunidade.

Talvez, poder-se-ia resumir todos esses processos os quais o museu comunitário está fadado, a apenas um, a fagocitação, onde há, de uma forma ou de outra, a canibalização do conceito de museu comunitário.

Tendo essas observações em vista, há mais uma questão relevante a ressaltar-se, quanto de seu conceito inicial pode ser modificado até que o museu deixe de ser comunitário?

Quando a forma de captação de recursos subsume-se a buscar encaixar seu perfil a editais que pouco visam a valorização de cada instituição em seu diferencial, e a participação efetiva da comunidade na qual ele se insere não é uma constante em todos os processos do museu (aquisição, salvaguarda e exposição), e quando a facilitação realizada por agentes externos a comunidade torna-se tão profunda que deixa de ser uma facilitação e passa a ser uma intervenção, e se a comunicação entre museu e comunidade, processo museal fundamental, é comprometida, e há um distanciamento entre a comunidade e sua identidade a partir de seu ponto de vista, parece que aquela ideia inicial de um museu feito com e pela comunidade torna-se distante da sua busca real efetiva implementação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTLE, Phill. **O QUE É COMUNIDADE? Uma Perspectiva Sociológica**. Trad. FERNANDES, SOPHIA FERREIRA. 2011. Disponível em: <<http://cec.vcn.bc.ca/mpfc/whatcomp.htm>>. Acesso em 12 de junho de 2014.
- BRULON SOARES, B. C. ; SCHEINER, T. C. M. . **A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios comuns : um ensaio sobre a casa..** In: X Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2009, João Pessoa. E-book do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. João Pessoa: Idéia, 2009. v. 10.
- CONSTANCIA, Medeiros João Paulo. **A Evolução De Conceitos Entre As Declarações De Santiago E De Caracas** .1993. Cadernos de museologia.
- Cury, M. X. . **Novas Perspectivas para a Comunicação Museológica e os Desafios da Pesquisa de Recepção em Museus**. Texto publicado nas atas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 1, pp. 269-279, 2008.
- LERSH, T. M.; OCAMPO, C. C.. **O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história**. In: CONFERENCIA NACIONAL DE LA ASOCIACIÓN NACIONAL DE ARTES Y CULTURA LATINAS, Kansas, Missouri, 6-10 outubro, 2004.